

O Dia em que Conhecemos Nosso Filho

GEORGES CAROUSSO

Durante sete anos o conhecêramos apenas por suas cartas; até chegar o momento de nosso primeiro encontro...

NA VERDADE êle não é nosso filho, embora estejamos sempre exibindo seu retrato como quaisquer pais corujas. Êle é apenas uma das muitas crianças de países pobres que recebem assistência financeira de benfeitores estrangeiros. Mas nós adquirimos o hábito de nos referir a êsse jovem grego de 21 anos como "nosso filho". Acontece que nós "patrocinaamos" Athanasios durante sete anos.

De início ficamos apreensivos a seu respeito. Havíamos pensado numa criança ou num bebê. Racionávamos em tê-

mos de ursinhos de pelúcia pelo Natal e não estávamos preparados para a carta que recebemos da "Federação Salve as Crianças", recomendando que patrocinássemos a educação de um rapazinho. Athanasios tinha 14 anos, era inteligente e ansiava por conseguir o máximo possível de instrução. Criado num pequeno vilarejo nas montanhas da Grécia, era filho de um alfaiate que ganhava 18 dólares mensais. A mãe era artrítica, e conseguira alugar um quarto para aumentar as rendas da família. Sua irmã mais velha estudava enfermagem.

Com uma lente de aumento examinamos o instantâneo do garoto pequeno e franzino que se empertigava diante de um pequeno chalé.

Seus braços eram muito longos e suas calças muito curtas. No entanto, havia algo na linha do seu queixo que despertou minha simpatia—êle parecia desafiar a situação que o forçara a ficar ali para-



do, exibindo-se. Seus olhos brilhavam com ânimo de viver, um ânimo que se fundia com o desafio de seu queixo.

—Eu nem sei se lhe estaríamos fazendo um bem—disse eu.—Seus amigos e vizinhos talvez se ressentam da ajuda que lhe dermos e é possível que isso o prejudique. Talvez fôsse melhor para êle aceitar o que o destino lhe reservou.

—Você não diz isso a sério—comentou minha mulher.

Ela tinha razão. Meu pai nascera num pequeno vilarejo grego. Certa vez um inglês deu-lhe uma pilha de livros—livros que levaram meu pai a Londres, Oxford e muito além. O brilho de curiosidade que meu pai tinha nos olhos me fixava agora do instantâneo daquele garôto.

—Então?—perguntei.—Aceitamos um rapazinho grego na família?

Fiquei apreciando minha mulher lutando com suas idéias de ursinhos de pelúcia no Natal. Depois ela sorriu e assentiu com a cabeça.

NÓS OBSERVÁVAMOS o crescimento de Athanasios através de suas cartas. E, cada vez que recebíamos uma, êle se tornava mais real para nós. Eram escritas em papel de bloco da escola, enviadas ao escritório da Federação em Atenas, ali traduzidas para o inglês e então enviadas para nós. Eu leio grego, mas a letra de Athanasios era horrível—corrida, como se os seus pensamentos fôsem mais rápidos do que a pena. A primeira carta dizia:

“Meus Queridos Patrocinadores*: Fui informado pela Federação Salve as Crianças em Atenas de que os senhores tiveram o prazer e a bondade de responsabilizar-se pelo meu patrocínio. Agradeço-lhes de todo meu coração. Agora poderei realizar o sonho de minha alma infantil e entrar na escola secundária. . . .”

Êle tentava partilhar conosco a sua vida, escrevendo-nos sôbre seus estudos e sôbre o pequeno mundo em que vivia.

“Meus Queridos Patrocinadores: Passei de ano. Fiquei contente ao receber a recompensa de meu trabalho. Agora estou de férias. Ajudarei meu pai no trabalho de alfaiate. . . . Disseram-me que o próximo ano na escola é muito difícil. Mas nada é difícil para o estudante que estuda. . . .”

Outra vez escreveu: “Não posso descrever minha satisfação ao ser informado do dinheiro que me mandaram de presente de aniversário. Dei uma festa e convidei todos os meus amigos e dançamos e cantamos e comemos e tivemos uma noite inesquecível. . . . Comprei um par de sapatos para minha irmã. Ela estava precisando. Nosso querido verão foi-se. Começaram os ventos do outono. . . .”

As declarações eram sempre espon-

* Pelo regulamento da Federação, todos os patrocinadores devem permanecer no anonimato—para sua própria proteção. Em muitos países há tanta penúria que parentes e amigos de uma criança poderiam sentir-se impelidos a escrever diretamente aos patrocinadores, pedindo auxílio para si mesmos.

tãneas, sem que êle jamais tentasse apelar para nossa compaixão. Mas aquela carta preocupou-nos.

—Há um sério desequilíbrio psicológico nessa situação—comentou Dorothee.—São quatro na família . . . e o rapaz é o membro privilegiado.

—Eu bem que avisei você, logo no início, sôbre a possibilidade de ressentimentos—lembrei-lhe.

—É claro que êle *divide* com os outros—disse ela.—E com certeza os pais não se ressentem de qualquer vantagem que seu próprio filho consiga. Mas eu me pergunto se isso não dará ao rapaz um sentimento de culpa.

—Não podemos assumir as necessidades de tôda a aldeia—protestei.

—Mas talvez possamos fazer algo pela *família*—disse Dorothee.

Suspirei.

—Escrevamos ao diretor do escritório local, perguntando o que podemos fazer e até que ponto.

Veio a resposta, informando que o teto do chalé tinha tantas goteiras que mamãe estava com dificuldades para manter o inquilino. Lá foi o nosso cheque.

A carta seguinte de Athanasios compensou nossa ação.

“Meus Queridos Patrocinadores: Temos tido mau tempo. Mas graças aos senhores o telhado não tem mais goteiras. Nossa cozinha está com o chão sêco e eu estudo no belo aposento. . . .”

A maioria das cartas de Athanasios, porém, eram típicas demonstrações das emoções vivazes próprias da mo-

cidade. Desesperado, nos escrevia: “O mundo é tenebroso e triste. Tenho de fazer novos exames”, para logo após em outra carta contar: “O mundo é uma beleza—passei de ano.”

Nós nem percebêramos a passagem dos anos quando, de repente, “nosso filho” estava-se diplomando na escola secundária. E agora, que faríamos? Com quatro netos, será que estaríamos em condições de mandar Athanasios para a universidade? Na Grécia, um jovem com curso secundário pode ir para uma grande cidade e arranjar trabalho. No entanto, para Athanasios e sua dinâmica vontade, isso não parecia ser suficiente. Nós o havíamos ajudado até êsse ponto e êle passara nos exames vestibulares. Nossos netos eram pequenos e seus pais tinham excelente situação. Apelamos para o meio-têrmo: mandaríamos Athanasios à universidade caso a Federação conseguisse para êle uma bôlsa parcial de estudos. Foi nestes têrmos que êle entrou na Universidade de Salonica.

Suas cartas agora eram menos freqüentes. O entusiasmo permanecia, mas havia também uma nova maturidade. No fim do primeiro ano, êle assinou seu nome completo pela primeira vez, como se repentinamente tivesse descoberto sua própria identidade.

QUANDO planejamos nossa viagem à Europa, eu tentei convencer-me e à minha mulher de que incluía a Grécia porque tinha primos que

ainda viviam lá. Isso era verdade, mas ambos sabíamos que não poderíamos viajar à Grécia *sem* procurar encontrar Athanasios.

Estava, porém, apreensivo. Afinal, só conhecíamos “nosso filho” através de suas cartas e de um instantâneo seu com a idade de 14 anos. Como seria êle agora, aos 21? Um beatnik? Um montanhês desajeitado? Um comunista raivoso?

—Talvez não gostemos do que veremos—tentei prevenir minha mulher.—Quem sabe seria melhor deixarmos as coisas como estão?

Mas eu não conseguia ser bastante convincente, pois sabia que *tínhamos* de conhecer êsse garôto que se tornara agora um homenzinho.

Pedimos ao escritório da Federação em Atenas que providenciasse para que Athanasios viesse ao nosso encontro ali e, se possível, passasse conosco o fim de semana. Quando a recepcionista nos levou ao escritório da Sr.^a John Pantos, diretora local, um jovem que estivera sentado de costas para a porta virou-se e caminhou ao nosso encontro.

Moveu-se com tanta rapidez que eu não tive tempo de examiná-lo direito. Tomou as mãos de minha mulher e beijou-as—não no galante estilo europeu, mas fervorosamente. Depois virou-as de palmas para cima e nelas enterrou o rosto, soluçando. Eu só via a cabeça de cabelos negros e crespos e os ombros que tremiam. Quando parou de chorar, ergueu-se, virou-se para mim e beijou-me em ambas as faces, à formal maneira

grega. Para isso precisou curvar-se, pois media mais de 1,80 m. E lá ficamos parados, sorrindo tólamente um para o outro. Então êsse era o “nosso filho”—êsse simpático rapaz de feições aristocráticas, sorriso alvo e ombros largos.

—Vocês devem estar todos famintos—sugeriu diplomáticamente a Sr.^a Pantos.—Há alguns bons restaurantes na Praça Omonia.

Descemos a rua com “nosso filho” entre nós, de braços dados com ambos.

—Foi boa a viagem de avião?—perguntei-lhe em grego.

—Vim no trem noturno: era mais em conta—disse êle, desculpendo-se, com um sorriso.—E tenho de voltar no trem de hoje à noite. Estou em exames.

Impressionava-me a suavidade de sua voz.

—Você dormiu durante a viagem?

—Não—sorriu êle.—Tinha muito em que pensar.

Então êle também temera êsse encontro! Isso não me ocorrera.

—Traduza!—disse minha mulher.—Eu não posso travar conhecimento com êle em grego. E tenho um milhão de perguntas a fazer-lhe.

Durante o almoço, fizemos perguntas—em inglês, depois em grego e novamente em inglês. Como intérprete amador, minha cabeça começou a ficar confusa e acabei falando grego com minha mulher e inglês com Athanasios, dando boas risadas. Finalmente perguntamos-lhe sobre seus planos para o futuro.

—Quero ser advogado—declarou com desembaraço.—Há na Grécia uma grande carência de homens instruídos.

—E o mundo agora está tenebroso e triste?—perguntei, mexendo com êle.

Êle franziu o cenho, sem perceber por um momento. Depois lembrou-se e soltou uma gargalhada.

—Não, o mundo é uma beleza e eu passarei nas provas.

Tomamos um táxi e passeamos com êle por Atenas, sua própria capital, que êle não conhecia. De pé diante da Acrópole, à luz dourada do entardecer, Athanasios assumiu um ar grave e reverente. Juntos, êle e a Acrópole, pareciam simbolizar a infindável luta da humanidade pela realização. Parecia-me ouvir a voz de meu pai citando um dos grandes discursos de Péricles: “Ninguém que tenha o destino de servir ao Estado será mantido nas trevas devido à

pobreza.” Êste jovem certamente tem êsse destino—pensei eu. Foi uma tarde preciosa, que bem valeu tudo o que nos custou para concretizar-se.

Logo chegou a hora de levarmos Athanasios à estação, mas êle não permitiu que entrássemos com êle. Ficamos parados na calçada, apenas nos olhando. Eu pensava em algo para dizer—algun conselho, uma palavra de despedida—mas nada me ocorria. Foi êle quem disse as últimas palavras, em sua voz calma e suave:

—Não lhes agradecerei, porque não posso. Só posso rezar a Deus para que algum dia, de alguma forma, eu possa ajudar a alguém como os senhores me ajudaram.

Tomou as mãos de minha mulher e beijou-as, depois beijou-me nas faces, virou-se e entrou pela estação. Com lágrimas nos olhos, vimos afastar-se aquêle jovem alto e desempenado, caminhando para enfrentar o futuro com segurança e coragem.



Dedicatórias

O ANTROPÓLOGO John Greenway dedicou seu livro *Literatura Entre os Primitivos* do seguinte modo: “A MacEdward Leach, amigo querido e mestre respeitado, sem cuja inspiração, conselhos e encorajamento eu estaria hoje empenhado em trabalho mais lucrativo.”

—Publicado por Folklore Associates

GERALD F. LIEBERMAN dedicou sua antologia, *As Maiores Piadas de Todos os Tempos*, às mulheres de sua vida: “A minha mãe, Sr.^a Frieda Seidman; a minhas filhas, Laurie Jo e Mona Helene; e a minha mulher, Sylvia. Tôdas igualmente queridas, mas, para maior segurança, relacionadas aqui em ordem alfabética pelo primeiro nome.” —Publicado por Doubleday